

Resenhas

As resenhas foram desenvolvidas pelos alunos do Mestrado em Ciências da Comunicação da ECA/USP, na disciplina "Evolução da Pesquisa Científica em Turismo: o pensamento internacional e a realidade brasileira".



TURISMO SUSTENTÁVEL: conceitos e impacto ambiental (2000)

SWARBROOKE, John.

São Paulo. Ed. Aleph. Série Turismo. 140 p.

A presente obra chega ao Brasil sem os habituais abismos temporais que tornam desatualizadas as informações, conceitos e discussões quando aqui editadas anos após seu lançamento. O autor já havia escrito sobre o tema em outros artigos publicados em 1996, mas é na obra aqui analisada que se debruça detidamente sobre o tema da sustentabilidade do turismo, tema este em estado de "ebulição" nos meios acadêmicos dada a dificuldade de harmonização das conclusões teóricas com a sua aplicação prática.

Prefaciada em sua edição nacional por Mario Carlos Beni, professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, o livro *Turismo Sustentável*, em sua edição original, possui oito partes, tendo sido desmembrado na versão nacional em cinco volumes. O presente trabalho consiste na análise do primeiro volume da edição nacional, envolvendo duas das oito partes originais.

O autor inicia o livro procurando traçar breve histórico dos conceitos de desenvolvimento sustentável e turismo sustentável. A transformação do meio ambiente ocorrida com o crescimento industrial e a urbanização no século XIX fez com que as autoridades públicas européias (em especial as do Reino Unido) tomassem medidas que salvaguardassem o ambiente, iniciativa que se fez de modo ainda mais contundente após a Segunda Guerra Mundial, quando cidades inteiras tiveram que ser reconstruídas. Nos dois casos, segundo o autor, houve um planejamento alicerçado nos princípios da sustentabilidade, conceito este que se tornou paradigma na modernidade, tendo chegado ao Terceiro Mundo na década de 1960.

Em poucas palavras (e já que inexistia uma definição unânime), o turismo sustentável corresponde a um turismo harmônico que envolve aspectos sistêmicos (econômicos, sociais, culturais e ambientais), no sentido de proporcionar melhoria

da qualidade de vida das populações presentes e futuras. A partir de definições semelhantes a esta, o autor considera que todos os tipos de turismo podem ser sustentáveis, desde que haja colaboração simultânea da "indústria" do turismo, turistas, comunidades anfitriãs, governos e demais interessados (mídia, grupos de pressão, especialistas entre outros) regidos por princípios que apoiem sua implementação.

Muito embora a obra se concentre em muitos aspectos na realidade européia, o autor atenta para o fato de não haver um padrão único para o desenvolvimento sustentável, ou seja, admite que devem haver adaptações que estejam em consonância com a realidade do local onde o turismo está sendo desenvolvido.

Recomendando que as destinações emergentes aprendam com as experiências de outras já estabelecidas, o autor faz um importante esclarecimento aos leitores: o turismo sustentável não se confunde com o ecoturismo, ou seja, o ecoturismo malplanejado e descontrolado também é impactante. Fica claro então que utilizar atrativos naturais em viagens turísticas não é suficiente para que uma atividade seja considerada ecoturística e muito menos sustentável. Desmistificando a imagem do ecoturista como inerentemente responsável e do ecoturismo como menos prejudicial e mais sustentável que os outros tipos de turismo, o livro ressalta a necessidade de planejamento adequado e responsável em prol da preservação ambiental.

Fundamental também a abordagem do autor no que se refere ao comprometimento dos diferentes setores do turismo ("trade") e da administração funcional sem a qual a busca pelo desenvolvimento sustentável é improficua.

O texto aborda de maneira bastante interessante o conceito de capacidade de carga e a fragilidade de sua utilização para o desenvolvimento do turismo sustentável, apontando a "gestão do turista" como estratégia mais eficiente para impedir danos ambientais, econômicos, sociais ou perceptivos. Analisa também as deficiências de estratégias como "antimarketing" e taxaço sobre turistas que, se utilizadas de forma indiscriminada podem se revelar impróprias e discriminatórias, provocando sérias implicações econômicas e sociais, já que não contribuem para a aquisição de comportamento responsável por parte dos envolvidos.

Ao abordar o tema da educação do turista, o autor demonstra um certo ceticismo porque, embora não haja consenso sobre a definição de turismo sustentável, a promoção de estratégias de mínimo impacto (como, por exemplo, redução do consumo, reciclagem de lixo, etc.), é benéfica para a qualidade de vida, conservação do meio ambiente e redução dos custos econômicos e sociais. O alto custo que a educação do turista demandaria inviabiliza sua adoção, mas cabe ressaltar que a inserção de elementos básicos para a formação do cidadão no ensino médio é fundamental aliada ao estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada poderia trazer resultados menos dispendiosos e mais significativos.

Analisando o envolvimento da comunidade e sua participação no controle das atividades realizadas, detecta-se a dificuldade desta no posicionamento igualitário com os agentes públicos, privados e demais interessados no turismo na tomada de decisões e determinação de diretrizes que melhor correspondam aos seus interesses, mas se deixa de indicar possíveis soluções e aponta-se a importância

dessa participação para que o turismo desenvolva-se em conformidade com a vocação dessas populações, sem que lhes sejam impostas práticas desconhecidas e indesejadas.

Quanto à participação do poder público no setor do Turismo, parece claro que a realidade europeia é bastante distinta dos países subdesenvolvidos (ou emergentes), sendo o poder regulador do Estado alicerçado em princípios conservacionistas e democráticos para o alcance do bem-estar social, fundamental e indispensável para a nossa realidade.

Outros aspectos interessantes abordados pelo autor referem-se à ampliação do conceito de conservação, que deve abranger esporte, gastronomia (e neste ponto incluem-se o folclore e a história oral); à necessidade de gerar condições para a aquisição de capacitação profissional dos recursos humanos do setor e promover soluções para problemas urbanos (que levam os turistas a descarregarem suas insatisfações em locais diversos da sua residência), o que abrange a conscientização sobre o exercício da cidadania.

Questão crucial levantada pelo autor refere-se à influência que países desenvolvidos tem exercido sobre os subdesenvolvidos, prescrevendo diretrizes inclusive para a atividade turística do Terceiro Mundo, o que surge como mais uma forma de neocolonialismo imposta às economias e sistemas políticos mais frágeis.

Dividindo didaticamente o turismo sustentável em três dimensões (ambiental, econômica e social), o autor ressalta a importância de relações harmônicas entre elas. Na esfera ambiental, estando mais familiarizado com a realidade europeia, John Swarbrooke limita o meio ambiente natural às áreas montanhosas, mares, rios e lagos, cavernas, praias e florestas naturais. Seria adequado que houvesse uma nota de rodapé explicativa, uma vez que para a nossa realidade deveriam ser acrescentados o mangue, a caatinga e o cerrado entre outros ecossistemas.

Sem dúvida o texto apresenta aspectos importantes no que se refere aos interesses econômicos que abrigam as práticas conservacionistas e sobre a relação existente entre turismo e meio ambiente, já que se o turismo representa uma fonte importante para a geração de divisas, por outro lado seu descontrole pode acarretar custos elevados para as populações receptoras. Estando intimamente relacionado à dimensão social, a esfera econômica do turismo ainda não atingiu o equilíbrio desejado, inexistindo indicadores que permitam avaliações confiáveis. De qualquer forma, nota-se que quando tendências globalizadas são adotadas por países que não atingiram grau de desenvolvimento adequado, o ônus sofrido pelas comunidades receptoras é bastante alto, o que indica mais uma vez que a exploração turística pode revelar-se como mais uma forma de neocolonialismo, cabendo às sociedades dos países explorados valorizarem seu patrimônio natural e cultural, suas diferenças e especificidades, redefinindo diretrizes e objetivos que sejam adequados a sua realidade.

A dimensão social abordada no texto destaca os benefícios que a atividade turística proporciona aos elementos do setor – os turistas muitas vezes descritos como vilões da atividade. Revelando o caminho de mão dupla do efeito demonstração e discutindo o polêmico tema do turismo sexual e suas variantes (e neste ponto teria sido adequado que tivesse sido discutido o turismo GLS e o turismo para pessoas solteiras, que em última instância podem revelar objetivos sexuais), o autor

demonstra a atualidade das abordagens inseridas na obra.

A obra analisada é sem dúvida uma importante contribuição para todos aqueles que se interessam pelo turismo (acadêmicos, profissionais do setor, pesquisadores, entre outros), transmitindo de modo didático e acessível (e aí se inclui a originalidade da inclusão de estudos de caso, exercícios e temas para discussão) a importância do aprofundamento das questões sobre turismo sustentável e a necessidade de adoção de posturas críticas diante de conceitos tidos como irrefutáveis. O conhecimento é um processo dinâmico e sua aquisição uma busca contínua, o que torna os conceitos, incluindo o desenvolvimento e turismo sustentável, passíveis de alterações, cabendo às sociedades aprimorá-los e promover as adaptações necessárias às suas realidades.

Paula Chamy Pereira da Costa